

ANÍSIO TEIXEIRA E A ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO SOBRE SUA ATUAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Anísio Teixeira and public school: a study of its political and pedagogical actuation in brazilian education

Rodrigo Augusto de Souza¹

RESUMO

Este trabalho analisa a luta de Anísio Teixeira (1900-1971) pela escola pública no Brasil. Não é tarefa fácil investigar o legado de Anísio para a educação brasileira. O educador teve uma ampla atuação política e pedagógica em nosso país. Sua importância se dá tanto na esfera das idéias, discussões e teorizações sobre a educação, quanto nas realizações, obras e projetos implantados e consolidados por ele ao longo de nossa história educacional. A atuação de Anísio Teixeira em favor da escola pública no Brasil é marcante e significativa. Sua concepção política, ainda hoje, gera debates e discussões no âmbito da história da educação brasileira. Tomaremos a Escola-Parque, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, como exemplo do projeto político de Anísio Teixeira para a educação escolar no Brasil.

Palavras-chave: História da Educação Brasileira. Escola Pública. Anísio Teixeira.

ABSTRACT

This paper analyzes the struggle of Anísio Teixeira (1900-1971) to the public school in Brazil. It is not easy to investigate the legacy of Anísio for Brazilian education. The educator had an intense political and pedagogical activity in our country. Its importance is given both in the sphere of ideas, discussions and theories about education, how much in the realizations, works and projects implemented and consolidated it by along of our educational history. The performance of Anísio Teixeira in favor of public schools in Brazil is striking and significant. His political conception still generates debates and discussions in the history of Brazilian education. We will take the School-Park, Educational Center Carneiro Ribeiro, as an example of the political project of Anísio Teixeira for the school education in Brazil.

Keywords: History of Brazilian Education. Public School. Anísio Teixeira.

Introdução

A atuação política e pedagógica de Anísio Teixeira (1900-1971) foi de fundamental importância para a educação pública em nosso país. Podemos afirmar que Anísio dedicou todo o seu trabalho à frente das diferentes funções que desempenhou na educação brasileira, na luta por uma escola pública laica e de qualidade para todos. De tal modo, que o estudo de suas idéias e realizações é de fundamental importância para a caracterização da educação pública no Brasil.

O itinerário de formação de Anísio Teixeira como intelectual é marcado por duas influências decisivas: a escolástica, presente na pedagogia jesuítica, durante o período de

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: rodrigoaugustobr@yahoo.com.br

estudos nos colégios da Companhia de Jesus, na Bahia e o pragmatismo norte-americano, incorporado à sua formação na década 1920, após ter sido aluno de John Dewey (1859-1952), no “Teachers College”, da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Outro ponto que merece ser ressaltado é a formação de Anísio como advogado, no Rio de Janeiro. A influência do Direito em sua vida não foi tão forte quanto a escolástica, tanto que mesmo depois de advogado ele pensa em seguir carreira eclesiástica nos jesuítas. Alguns estudiosos de Anísio Teixeira acrescentariam também suas viagens “pedagógicas” como um elemento decisivo na formação de seu pensamento educacional. O educador viajou pela Europa, além dos Estados Unidos, para conhecer diferentes “modelos” de educação. Contudo, ao nosso entendimento, parece que a experiência norte-americana foi mais decisiva para Anísio.

Com uma formação baseada em duas vertentes fundamentais: a escolástica e o pragmatismo, Anísio Teixeira cria um pensamento original. Ele rompe com a escolástica, ao assumir a filosofia de John Dewey como seu norte, mas ao mesmo tempo, vai além de Dewey ao entrar na luta pela escola pública no Brasil. Ao voltar dos Estados Unidos, a vivência em um país “subdesenvolvido”, teve impacto sobre seu pensamento. Diferente de Dewey, Anísio Teixeira atuou decisivamente em favor da criação de sistema público de educação. Isso faz de Anísio não um intelectual que “transplanta” idéias, mas um intérprete da filosofia de Dewey no Brasil. (SAVIANI, 2000, p. 173).

Anísio Teixeira e a Política

A concepção política de Anísio Teixeira sempre despertou controvérsias. Nos regimes totalitários vividos pelo Brasil no século XX, nas ditaduras Vargas e militar, o educador baiano foi visto como um “comunista” pelas autoridades políticas. Durante esses governos teve de entregar seus cargos na educação pública. Por fazer uma opção clara pela democracia, Anísio Teixeira não compactuava com o totalitarismo político. A idéia de que ele fosse um partidário da esquerda chegou a se fazer presente até mesmo entre setores da igreja Católica, sobre tudo no final da década de 1950. Anísio Teixeira era acusado de defender um “modelo comunista de educação”.

Modesto, ele repetia o conceito herdado do velho Deocleciano: “Sou apenas um republicano”, “que acredita na Constituição do seu País. A campanha que se faz contra mim é, sobre tudo, uma campanha contra a Constituição e a República”. No fundo era mais que isso – era a luta contra a escola pública, para exaltar a escola particular, ligada a interesses de toda ordem, desde Ordens religiosas até mercadores do ensino. Sabia-se que os Bispos do Rio Grande do Sul pediram a demissão de Anísio, alegando ser a escola pública o caminho para o comunismo. (VIANA FILHO, 2008, p.160).

Os principais jornais brasileiros do período (1930-1960) retratam de alguma forma, o litígio em torno da educação pública no Brasil. Até os anos de 1930 o Brasil não contava com um sistema público de ensino organizado. A escolarização, ligada à idéia de “instrução”, se dava em escolas isoladas mantidas pelo governo ou então, na sua grande maioria, em instituições particulares de ensino, pertencentes à igreja

ou aos que faziam da educação um negócio lucrativo. Era uma educação elitista, tanto na esfera pública quanto privada. Anísio Teixeira traça um nítido panorama da educação brasileira no livro “Educação Não é Privilégio”, de 1957. Nessa obra ele analisa como a educação, um direito fundamental, se tornou um privilégio das elites dominantes no Brasil. Na abordagem que faz do tema, Anísio poderia ser facilmente confundido com um comunista, tal a ênfase que ofereceu aos problemas educacionais brasileiros. O educador é incisivo ao responsabilizar as elites pelo “atraso educacional brasileiro”.

A idéia de “educação comum”, da escola pública americana ou da *école unique* francesa, não era nada disto. Não se cogitava de dar ao pobre a educação conveniente ao rico, mas, antes, de dar ao rico a educação conveniente ao pobre, pois a nova sociedade democrática não deveria distinguir, entre os indivíduos, os que precisavam dos que não precisavam trabalhar, mas a todos queria educar para o trabalho, distribuindo-os pelas ocupações, conforme o mérito de cada um e não segundo a sua posição social ou riqueza. [...] Não se tratava de generalizar a educação para os “privilégios”, mas de acabar com tais “privilégios”, em sua sociedade hierarquizada nas ocupações, mas desierarquizada socialmente. (TEIXEIRA, 1968b, p.29).

A atuação de Anísio Teixeira na área das políticas públicas para a educação no Brasil se dá na criação de uma “burocracia” para a escola. No estudo, “Anísio Teixeira e a Burocracia”, Raquel Pereira Chainho Gandini analisa como o educador brasileiro contribuiu na criação de instituições como o INEP, a CAPES, o CBPE, entre outros organismos, cuja preocupação era a educação de qualidade, pública e laica para todos. Ainda segundo GANDINI (2000), Anísio se preocupará com os concursos públicos como forma de recrutar os profissionais da educação. Antes os cargos eram providos segundo interesses pessoais ou políticos. Desse modo, o concurso exigiria a profissionalização do docente. Esse papel de Anísio Teixeira no campo das políticas públicas de educação dá margem a uma “tecnocracia” pedagógica, ao considerar os aspectos técnicos da formação docente como condição necessária para o trabalho na educação.

Não associamos a tecnocracia de Anísio Teixeira ao tecnicismo pedagógico, vigente no Brasil principalmente a partir da Lei 5.692/71. Essa relação pode ser estabelecida, mas tal discussão mereceria um estudo mais profundo e detalhado. Esclarecemos que Anísio não está em diálogo com a psicologia comportamentalista, mas com o pragmatismo e o funcionalismo. O pragmatismo dá margem a uma filosofia da tecnologia, uma vez que oferece grande ênfase na técnica e no fazer.

É a preparação de uma nação moderna, com o trabalho agrícola avançado e técnico, com a produção mineira e fabril em fase de industrialização crescente, e com os serviços de transportes, de comunicações, de assistência médica e social, de educação, de justiça, etc., elevados a níveis consideráveis de especialização e de complexidade. Tal sociedade se faz toda ela tecnológica, exigindo para o seu funcionamento um nível escolar considerável para toda a população, sem falar no direito democrático de se governar pelo sufrágio universal. (TEIXEIRA, 1968b, p. 85).

Para Brandão e Mendonça (2008), alguns pesquisadores orientados por uma visão mais crítica trataram logo de desfazer a idéia de que Anísio Teixeira defendia um “modelo comunista de educação”. Ao contrário, mostraram o seu legado como uma representação da “ideologia liberal na educação”. As autoras se referem aos estudos de Carlos Jamil Cury, Dermeval Saviani e Luiz Antônio Cunha. Só com a leitura inaugurada por esses estudiosos houve uma aproximação mais pertinente do pensamento político de Anísio Teixeira. Não há dúvidas de que Anísio segue uma perspectiva liberal, advinda da influência de John Dewey sobre o seu pensamento. Apesar disso, o próprio Saviani nos adverte no trabalho que já citamos aqui, Anísio Teixeira não copia as idéias de Dewey, ele não transplanta conceitos, vai além de seu mestre, entrando na luta pela escola pública. Esse é o ponto intrigante do nosso trabalho.

A nosso ver, o afastamento do pensamento de Anísio Teixeira – assim como de outros educadores brasileiros e estrangeiros de enorme importância, enquanto clássicos do campo da educação – pode ter sido um desdobramento de um certo preconceito para com os representantes do pensamento liberal na educação, em virtude da circularidade com que se atribuiu um teor conservador ao pensamento pedagógico de raízes liberais.[...] O problema é que essa análise não contemplou as contradições internas do Movimento da Escola Nova no Brasil. (BRANDÃO & MENDONÇA, 2008, p. 224).

A visão política de Anísio Teixeira é problemática. O pensamento de John Dewey, seu principal interlocutor, também é difícil de ser classificado de maneira simples. Quando entramos no campo da política a questão se complica ainda mais, uma vez que Dewey foi crítico tanto do liberalismo quanto do socialismo. Para Pitombo (1974), o criticismo é um postulado metodológico da filosofia deweyana. Segundo Dewey (1959), o projeto político liberalismo jamais se realizou. Era preciso por a perspectiva liberal à prova e desafiá-la a desenvolver uma vida social verdadeiramente democrática. Por outro lado, Dewey ficou desapontado com a experiência de comunismo da antiga União Soviética. Para ele, o comunismo tinha se transformado em um regime totalitário. A democracia seria a única forma política digna dos seres humanos. Podemos afirmar que, com Anísio Teixeira, a já controvertida visão política deweyana se acentua ainda mais.

Na obra “Educação é um Direito”, de 1968, Anísio Teixeira chega às beiras da ruptura com o liberalismo. Defende uma escola igualitária, radicalmente democrática. Ele era contrário a uma educação diferenciada para as elites e outra para os pobres. Parece-nos que a vivência de Anísio em um Brasil “subdesenvolvido”, ou “semi-feudal”, segundo suas palavras, o marcou profundamente. Frente a isso, ele avança por campos inexplorados por seu mentor John Dewey, entrando na luta pela escola pública.

É importante estabelecer um paralelo entre os Estados Unidos de John Dewey e o Brasil de Anísio Teixeira. Os Estados Unidos eram um país já industrializado, em um estágio avançado do capitalismo industrial, vivam a crise desse processo que gerou desemprego e estagnação econômica. Já o Brasil estava na chamada “república velha” ou “primeira república”, baseada na política das oligarquias. Nosso país era refém das elites oligárquicas que faziam da democracia um ideal distante da vida política. A economia

estava baseada fortemente na agropecuária. Era, portanto, um país rural, distante do ideal de industrialização, considerado por Anísio como sinônimo de modernidade. O Brasil não era unificado politicamente, os diferentes estados e regiões disputavam o poder entre si, partindo, em alguns casos para a luta, como na “Revolução Constitucionalista”, de 1932. Por outras palavras, o Brasil, não visão de Anísio Teixeira, não era uma “nação moderna”, estava distante da “civilização industrial”. Sofria uma espécie de “atraso cultural e político”, diante da modernidade. Para Anísio, era preciso sintonizar o Brasil com a “marcha da história”.

O novo tipo de sociedade – democrática e científica – não poderia considerar a sua perpetuação possível sem um aparelho escolar todo especial. Os velhos processos espontâneos de educação já não eram possíveis. Com todo o desenvolvimento tecnológico da sociedade, a mesma se faz, com efeito, tão complexa, artificial e dinâmica, que todo o *laissez-faire* se torna impossível e um mínimo de planejamento social, ajudado por um sistema de educação intencional, ou seja, escolar, de todo indispensável. (TEIXEIRA, 1968a, p. 31).

Outro ponto que gera muitos debates sobre o pensamento político de Anísio Teixeira é a consideração dos Estados Unidos como modelo “nação moderna”, especialmente para o Brasil. Para Carvalho (2000), se trata de um “americanismo” de Anísio. As anotações de sua viagem aos Estados Unidos, em 1927, foram escritas na forma de um diário, publicadas mais tarde como livro, intitulado: “Aspectos Americanos da Educação”. O jovem bacharel em direito, formado pela ortodoxia católica dos colégios jesuítas de Caetité e Salvador, começava a rever suas idéias. Seu interesse pelo pensamento norte-americano se tornava presente. De acordo com Marta Maria Chagas de Carvalho, no trabalho: “O Debate Sobre a Identidade da Cultura Brasileira nos Anos 20: O Americanismo de Anísio”, o primeiro livro a influenciar o educador brasileiro a respeito da pedagogia norte-americana foi: “Métodos Americanos de Educação Geral e Técnica”, de Omer Buyse. Posteriormente essa incorporação de princípios do pensamento norte-americano aumentaria, sobretudo após o contato com John Dewey, na Universidade de Columbia.

A filosofia de John Dewey está voltada para um mundo em crise. Será esse pensamento que influenciará Anísio Teixeira. Podemos afirmar que a filosofia deweyana contempla um grande projeto de reconstrução, que vai desde os planos epistemológicos e lógicos até a política e a moral, passando necessariamente pela via da educação. Sua filosofia é uma espécie de resposta às grandes questões do final do século XIX e início do século XX. A crise do capitalismo industrial e as duas grandes guerras mundiais foram o pano fundo da filosofia deweyana. O filósofo norte-americano conviveu com as vantagens e as mazelas de dois grandes modelos econômicos: o capitalismo e o socialismo. Trataremos mais adiante da concepção política de Dewey, por ora, cabe considerar que sua perspectiva política e social já é difícil de ser classificada.

Voltemos a Anísio Teixeira. Foi essa filosofia que representa a crise política, econômica, epistemológica e ética do século XX, que Anísio recebeu nos Estados Unidos. A grande indagação dessa investigação é: teria Anísio Teixeira levado às últimas conseqüências a filosofia deweyana? Ele se distanciou de Dewey? Como a vivência em um Brasil “subdesenvolvido” deu feições originais ao seu pensamento intelectual?

A Influência de John Dewey: Liberalismo e Educação

O pensamento deweyano pode ser compreendido a partir de muitas perspectivas, uma vez que o filósofo norte-americano teve uma vasta produção acadêmica. Os temas abordados por Dewey em suas obras tratam especificamente de: filosofia, educação, política, sociologia, arte e psicologia. As idéias deweyanas possuem certas especificidades frente ao pragmatismo. Seu pensamento pode ser entendido como um humanismo naturalista, ou ainda, como um naturalismo humanista. Em sua obra *Filosofia em Reconstrução* (1920), Dewey apresenta a necessidade de reconstruir o pensamento filosófico pelo viés da experiência.

Dirigindo suas críticas à tradição filosófica ocidental, John Dewey argumenta que a filosofia constituiu-se como um pensar “à margem da vida”. A filosofia, presa a um “ensino livresco”, assumiu uma tarefa desnecessária. Dewey procura estabelecer uma conexão entre a filosofia e a vida. É preciso ressaltar que a vida não é um conceito abstrato, mas uma experiência vivida por indivíduos em uma comunidade humana. A filosofia tradicional, na sua busca pela certeza, pela verdade, almejou uma realidade imutável. Essa concepção de filosofia é considerada inadequada para o pensamento de Dewey. Em seu projeto filosófico, a certeza dá lugar à investigação, tal como está descrito no livro: *Lógica: A Teoria da Investigação*, publicado por Dewey em 1940. De acordo com a visão deweyana, o método filosófico não possui uma forma rígida e tão pouco rigorosa. Ele assume uma feição instrumental de adaptação do homem, como organismo vivo, em seu ambiente natural, para adequá-lo segundo seus interesses individuais e também coletivos.

Existe, ainda hoje, entre nós, uma espécie de paroquialismo intelectual, que nos induz a voltarmos para os filósofos políticos do velho mundo, o qual não se apercebe da estatura dos nossos próprios pensadores políticos – para não dizer nada do seu aspecto remoto, em face das nossas próprias condições. (DEWEY, 1952b, p.13).

Essa aproximação da filosofia com a natureza pela mediação da experiência é defendida por Dewey na obra *Experiência e Natureza*, de 1929. Nessa perspectiva, a filosofia se torna a própria expressão da experiência realizada na natureza, sua forma de significação. Ao conferir sentido à vida, ao servir aos indivíduos e à comunidade, a filosofia tem seu significado pragmático. A filosofia tem a tarefa de ajudar a resolver problemas práticos, experimentados na vida. Dewey defende assim o caráter instrumental da filosofia. O método filosófico adquire um permanente estado de revisão, isto é, uma constante avaliação, para saber se está respondendo ou não ao critério pragmático ou utilitário. A experiência, no pragmatismo deweyano, adquire um novo sentido, distante das caracterizações científicas que lhe foram atribuídas no decorrer da história. Considerando a experiência como um elemento indispensável da sua elaboração, a filosofia, torna-se uma crítica aos preconceitos. A relação entre conceito e experiência na filosofia de John Dewey parte do pressuposto de que ele é a significação da experiência. O conceito é o componente significativo da experiência.

A tarefa da filosofia é estudar a experiência da vida social reconstruindo esses conceitos através da crítica de hábitos e preconceitos culturais e da criação imaginativa de novas hipóteses como fonte de enriquecimento e de emancipação. O conceito opera como um instrumento de interconexão de significados na condução da experiência inteligente. Papel fundamental ocupa a linguagem nesse processo como “instrumento dos instrumentos”. Ela torna possível a representação do conjunto de usos do conceito e a livre comunicação ampliando indefinidamente a experiência. Nela a experiência associada adquire sua forma plena na livre e necessária comunicação dos conceitos entre os indivíduos e da ação compartilhada proporcionando a continuidade da vida social.

O homem é criado com um desejo de viver em sociedade e com os poderes de satisfazer tal desejo, em concorrência com os outros. Quando ele satisfaz essa aspiração pela instituição de uma sociedade, esta é um produto que o homem tem direito de regulamentar “juntamente com aqueles que concorrem para esse fim”. “Existe um direito independente da força” e a “Justiça é a lei fundamental da sociedade”. [...] A vontade do povo como base moral do governo e a felicidade do povo como seu objetivo controlador são a base axiomática de uma alternativa para a posição republicana [...]. (*Ibid.*, p. 27).

A educação é a própria experiência de vida associada, significada e comunicada. A educação como instituição criada para dar continuidade do processo de vida social e cultural não pode se limitar a transmitir conhecimentos, mas desenvolver hábitos de pensamento reflexivo capazes de reconstruir conceitos e criar a atitude de permanente indagação sobre as idéias e ideais condutores da vida que é a atitude filosófica. Distancia-se de toda forma de razão transcendental e de idealismos. Nessa nova caracterização da filosofia, segundo o projeto deweyano, a lógica torna-se a teoria da investigação, da busca pela certeza provisória e relativa. Ao propor a aproximação da filosofia com a experiência e vida prática dos indivíduos e grupos humanos, Dewey fomenta a secularização do método filosófico. A proposta deweyana é a reconstrução da filosofia sob pressupostos pragmáticos.

Ao lado da educação, o tema da política ocupou boa parte da atenção do filósofo norte-americano. Podemos perceber isso em sua obra mais importante, *Democracia e Educação*, publicada em 1916. A concepção política de Dewey é expressão da sua crença no liberalismo e na democracia, como forma de vida social. Para Dewey, o projeto político do liberalismo nunca se realizou plenamente. O mesmo vale dizer para a democracia. Os gregos da antigüidade, idealizadores do projeto de democracia, nunca a incorporaram de fato em sua sociedade. Preferiram a aristocracia e uma sociedade marcada por antagonismos e divisão de classes, incompatíveis, portanto, com o pensamento democrático.

Devemos ver com suspeita uma filosofia educacional que, *hoje*, define a educação liberal com termos que são o oposto do que é verdadeiramente liberal. A educação profissional e prática não era liberal na Grécia, porque consistia na instrução de uma classe servil. [...] Uma educação verdadeiramente liberal hoje deveria negar-se a instrução profissional em qualquer dos seus níveis, do contexto social, moral e científico em que devem funcionar os ofícios e profissões sabiamente administrados. (DEWEY, 1952a, p. 132).

A intenção de Dewey é por o liberalismo “à prova”, isto é, criticá-lo e desafiá-lo ao desenvolvimento de uma vida social autenticamente democrática. Esse projeto do pensamento deweyano passa pela educação. A escola terá a responsabilidade de formar os indivíduos para a vida democrática. Antes de ser uma concepção política, para Dewey, a democracia é uma forma de vida associada. Uma vida não mais caracterizada por dualismos e classes sociais. Dewey procura recuperar a unidade do conhecimento, não pensar por antagonismos e dualismos, o mesmo vale para a sociedade, daí a sua crença na democracia como forma de vida social. Afirma Anísio Teixeira em correspondência destinada a Fernando de Azevedo:

Li na viagem o seu Regulamento e ele confirma o paradoxo de Dewey, de que as nações novas e menos adiantadas têm hoje melhores oportunidades educativas que os países de progresso amadurecido e isso porque naquelas a renovação não tem os empecilhos que encontra nas tradições e nos interesses das velhas correntes e velhas máquinas de educação desses outros países que começaram mais cedo. (TEIXEIRA, 2000, p. 14).

A filosofia de John Dewey, integrante do pragmatismo norte-americano, representa a crise do liberalismo político. A passagem do capitalismo industrial para o capitalismo financeiro, simbolizada pela crise do capital em 1929, serve de fundamento para sua filosofia política e social. Torna-se necessário retomar o projeto democrático, fazê-lo acontecer de fato, frente a uma sociedade empobrecida e mergulhada em uma profunda crise econômica e política.

O liberalismo de Dewey é visto como progressista, por muitos estudiosos. Difere consideravelmente do liberalismo clássico do século XVI. Sua filosofia traz novamente à tona a preocupação com a democracia. Podemos afirmar que o pensamento democrático não é um apêndice no conjunto da obra deweyana, ao contrário, ele é fundamental. Sendo assim, Dewey coloca em pauta, no século XX, a democracia como ideal político não realizado pela humanidade. Os homens precisam retomar o projeto de democracia, não apenas no seu aspecto político, mas também como forma de vida. Dewey desafia o liberalismo a promover a democracia. Essa meta deve ser compartilhada também pela filosofia, educação e demais ciências, todas empenhadas para que a vida democrática se torne uma realidade no mundo.

Anísio Teixeira e a Escola Pública no Brasil

O trabalho de Anísio Teixeira foi incansável pela organização de um sistema educacional brasileiro. Afirmamos de início que sua atuação na educação pública brasileira contemplou desde a educação infantil até a universidade. Anísio não foi um simples gestor de instituições públicas de ensino, foi docente desde a escola fundamental até a universidade. Sua atuação pode ser investigada no âmbito das políticas de educação, na formação de professores e no campo das teorias pedagógicas. No seu trabalho em favor da escola pública começaria pelo ensino primário. Até essa iniciativa de Anísio Teixeira, a educação no Brasil era realizada geralmente por professores leigos, sobretudo no interior e na zona rural.

A escola era difundida em termos quantitativos e não qualitativos, isto é, houve nas três primeiras do século XX uma expansão precária da escola pública. Realizada sem as devidas condições físicas, pedagógicas e institucionais a escola primária pública desse período era um triste retrato da educação de exclusão dos pobres e de privilégio das elites, tanto condenada por Anísio Teixeira.

Para Nunes (2000), a escola primária de hoje no Brasil não é a pensada por Anísio Teixeira, aquela pela qual ele lutou. A escola de Anísio era formativa desde suas estruturas físicas até a qualificação do seu corpo docente. A imagem da escola mudou muito no Brasil, deixou de ser uma prioridade das políticas públicas.

A escola popular que se democratizou é uma escola deteriorada, do ponto de vista da limpeza, da higiene, dos conteúdos culturais e da organização pedagógica. É uma escola que assistiu aos cortes de pessoal de apoio (inspetores, porteiros, guardas, merendeiras, auxiliares diversos, e dos técnicos pedagógicos: supervisores e orientadores). É uma escola mergulhada na violência das grandes cidades e onde se reflete a heterogeneidade socioeconômica-cultural da população. Os alunos e professores não podem estar felizes dentro dela! O que temos diante dos olhos, é uma escola pública de ensino fundamental para os pobres que abriga graves problemas de evasão e repetência. Essa não é a escola que a população desejava para os seus filhos. Essa não é a escola que Anísio Teixeira lutou para ver concretizada. (NUNES, 2000, p. 108).

Em todos os cargos nos quais Anísio Teixeira esteve à frente da educação pública sempre defendeu o seu projeto de educação. Como inspetor-geral de ensino na Bahia, em 1927, na Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, de 1931 a 1935, no Rio de Janeiro, à frente da Secretaria de Educação e Saúde de Salvador, de meados da década de 1940 até o início dos anos 50, como diretor do INEP e da CAPES nos anos 50 e 60, como criador e primeiro reitor da UNB (Universidade Nacional de Brasília), na década de 60. Nos anos de 1935 e 1964, que deram início aos regimes ditatoriais: Vargas e Militar, Anísio Teixeira foi afastado dos cargos públicos. O seu pensamento democrático era incompatível com o totalitarismo. Como administrador da educação pública, nesses cargos, Anísio mostrou ao Brasil o seu projeto para a educação pública, em especial primária.

O ideal de escola primária pública no Brasil, segundo o pensamento de Anísio Teixeira, pode ser representado pelo Centro Educacional Carneiro Ribeiro, de Salvador. Trata-se da “Escola-Parque”, elaborada por Anísio no tempo em que foi secretário da Educação e Saúde da capital baiana. Seu sonho era ver a “Escola-Parque” difundida por todo o país como uma escola pública de qualidade. A gestão da educação primária pública deveria ser organizada por conselhos de educação que se dividiriam nas instâncias: municipal, estadual e nacional. Os conselhos seriam abertos à participação da comunidade na vida escolar.

Quando ocupava o posto de diretor do INEP, Anísio Teixeira criou o Programa de Assistência Brasileiro-Americana no Ensino Elementar, PABAEE, que vigorou nos períodos de 1956 até 1964. Para Clarice Nunes, “[...] o INEP discutia o currículo fundamentando-se na filosofia da educação e trabalhando com autores como Dewey e

Kilpatrick”. (*Ibid.*,p.122). Esse programa era efetivado por técnicos da educação norte-americana, e previa a modernização do ensino brasileiro. Para isso exigia a instalação de Centros de Treinamento nas principais regiões do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belém e Manaus. Contudo, isso não se concretizou, a intenção de formar instrutores de professores para o ensino normal se frustrou. Mais tarde, bem distante do ideal de Anísio Teixeira, o PABAAE adotou uma postura tecnicista, sobretudo com a ditadura militar.

A Escola-Parque de Anísio Teixeira é uma política para a escola primária. A inauguração do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, de Salvador, segundo Luiz Felipe Peret Serpa (2000), é o testemunho do projeto de educação de Anísio para o Brasil. A intenção do educador com a Escola-Parque era uma restauração da escola primária. A escola inicial tal como se expandiu nas primeiras décadas do século XX, reduziu o processo educativo à alfabetização. Para Anísio Teixeira, assim como para Dewey, a educação é uma garantia de sobrevivência, por isso “não se pode fazer uma educação barata!”.

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro trazia consigo o ideal deweyano, interpretado e assimilado por Anísio, de “reconstrução das escolas”. A importância de uma escola de qualidade era justamente a de que a democracia está associada a um sistema educativo forte e eficaz. Essa escola pretendia educar a criança em seus aspectos fundamentais de cultura intelectual, social, artística e vocacional. Anísio Teixeira usa a expressão, seria a Escola-Parque “uma pequenina Universidade infantil”. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro é a uma experiência de educação primária integral no Brasil. Aplicavam-se na Escola-Parque os ideais da Educação Nova, na forma de: um novo currículo, um novo programa e também um novo professor.

Para Serpa (2000), a Escola-Parque pretendia elevar a comunidade humana a um nível superior ao existente. Para tanto, ela se organizava na seguinte estrutura: “jardim-de-infância”, “escola-classe”, “artes gerais”, “educação física”, “atividades sociais”, “biblioteca escolar” e “serviços gerais”. Sua estrutura física previa um prédio de 20.000 m² e 200 profissionais. Nas palavras de Anísio Teixeira, no discurso de inauguração, “um para cada vinte alunos”.

O ideal de educação primária pública de qualidade de Anísio Teixeira foi concretizado no Centro Educacional Carneiro Ribeiro. O educador não teve a satisfação de ver seu projeto, tal como por ele foi idealizado, implantado em todo o país, por se tratar de uma escola cara, e talvez devido ao fato de que a educação pública nunca tenha sido uma prioridade efetiva das políticas públicas, ou mais ainda, quem sabe Anísio Teixeira tenha nos seduzido à sua própria ilusão.

Considerações Finais

A perspectiva política de Anísio Teixeira, ainda hoje, desperta discussões na educação brasileira. Como sugere o título do livro de Luís Viana Filho, Anísio Teixeira viveu a polêmica na educação. Ao longo de sua vida sempre se viu metido no meio de litígios com setores da sociedade civil brasileira que insistiam em manter seus privilégios frente à sociedade republicana que sonhava. Até mesmo com os governos ditatoriais vividos pelo

Brasil ele teve conflitos. O que faz do educador baiano uma figura tão enigmática em nossa história da educação? Como classificar sua visão política?

Na educação brasileira Anísio Teixeira foi chamado de comunista e de liberal. É bem verdade que comunista ele nunca foi. Coube à pedagogia histórico-crítica mostrar isso à interpretação histórica de nossa educação. Perspectivas tão divergentes como o liberalismo e o comunismo se entrecruzam na interpretação do pensamento político de Anísio Teixeira gerando confusão. O leitor desavisado poderá se surpreender com “Educação Não é Privilégio”, por exemplo. O “liberalismo” de Anísio Teixeira parece ter algo de inusitado que o levou a ser confundido com a sua antítese. A concepção política de Anísio ainda precisa ser estudada mais profundamente.

Quem for procurar em Anísio Teixeira um clássico no pensamento liberal no Brasil, com certeza se surpreenderá. Como Dewey, o educador brasileiro foi crítico do pensamento liberal. Podemos sustentar até que ele radicalizou a crítica deweyana ao projeto liberal de educação. Anísio acreditava na modernidade e no capitalismo industrial, mas não nos moldes do liberalismo clássico. Ele representa a crise do projeto político do liberalismo. Trata-se uma proposta de “reforma” do liberalismo ou quem sabe até uma tentativa de ruptura. Anísio Teixeira é uma contradição do pensamento liberal no Brasil.

Em sua obra “Ideologia e Educação Brasileira”, Carlos Roberto Jamil Cury acena para o fato de que o Movimento da Escola Nova no Brasil não é homogêneo, isto é, existem variadas matrizes teóricas que inspiram o ideal “reformista” do Manifesto de 1932. Essa realidade é quase sempre ignorada nas análises de história da educação. Concordamos com Brandão e Mendonça (2008), é necessário também investigar a pedagogia da Escola Nova a partir de suas contradições internas. Precisamos de pesquisas no âmbito da história da educação que analisem o Movimento da Escola Nova como lugar teórico de divergência e de dissenso. Esses embates teóricos ocorreram, contudo, quase sempre são esquecidos.

A atuação de Anísio Teixeira em favor da escola pública é intensa. Sabemos que o capitalismo industrial precisava da formação de mão-de-obra para suprir suas necessidades com pessoal especializado para o trabalho. Esse papel foi desempenhado pela escola pública no Brasil, durante o século XX. Outro elemento, Anísio era contrário à idéia de educação como instrução para o trabalho. Não se tratava de uma escola desinteressada do trabalho, mas também não era voltada para a formação de mão-de-obra. Propugnou a escola de tempo integral, hoje presente de modo deturpado na pauta política de muitos demagogos que se apropriaram do bem público. Essa é a contraditória visão política de Anísio Teixeira, que carece ainda ser aprofundada por estudos posteriores.

Referências

AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco. **Dewey: Filosofia e Experiência Democrática**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.

BRANDÃO, Zaira & MENDONÇA, Ana Waleska (orgs.). **Por Que Não Lemos Anísio Teixeira**. Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2008.

CARVALHO, Marta Maria C. de. **O Debate sobre a Identidade da Cultura Brasileira nos Anos 20: O Americanismo de Anísio**. In: **Anísio Teixeira 1900 – 1971 (Provocações em Educação)**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

CUNHA, Marcus Vinícius. **John Dewey: Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **John Dewey: A Utopia Democrática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

DEWEY, John. **A Arte como Experiência**. São Paulo: Abril Cultural, 1980

_____. **A Filosofia em Reconstrução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

_____. **Como Pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

_____. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. **El Hombre y Sus Problemas**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1952a.

_____. **Experiência e Natureza**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Lógica: A Teoria da Investigação**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **O Pensamento Vivo de Jefferson**. São Paulo: Martins Editora, 1952b.

GANDINI, Raquel Pereira C. **Anísio Teixeira e a Burocracia**. In: **Anísio Teixeira 1900 – 1971 (Provocações em Educação)**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: A Luta pela Escola Primária Pública no País**. In: **Anísio Teixeira 1900 – 1971 (Provocações em Educação)**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

PITOMBO, Maria Isabel Moraes. **Conhecimento, Valor e Educação em John Dewey**. São Paulo: Pioneira, 1974.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a Atualidade de Anísio Teixeira**. In: **Anísio Teixeira 1900 – 1971 (Provocações em Educação)**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

SERPA, Luiz Felipe. **Escola-Parque, na visão de Anísio Teixeira**. In: **Anísio Teixeira 1900 – 1971 (Provocações em Educação)**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

SMOLKA, Ana L. B. & MENEZES, Maria C.(orgs.). **Anísio Teixeira 1900 – 1971 (Provocações em Educação)**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e Mundo Moderno**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. **Educação é um Direito**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968a.

_____. **Educação Não é Privilégio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968b.

_____. **Educação e Universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

_____. **Correspondência** In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Na Batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

VIANA FILHO, Luís Viana. **Anísio Teixeira: A Polêmica da Educação**. São Paulo: Editora UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Na Batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

Recebido em maio de 2010
Aprovado em agosto de 2010